

O EUROCENTRISMO E A EDUCAÇÃO: OS IMPACTOS DA CRÍTICA AFRICANA NO BRASIL

Gabriel Ambrósio

O presente resumo vai abordar questões sobre crítica da educação formal de modelo eurocêntrica tem efeito na história dos africanos na contemporaneidade diaspórica. Passando em vários lugares, tendo o foco pelos africanos. Africanos neste resumo englobam afrodescendentes. Na biografia da Lélia Gonzalez, escrita por Alex Ratts(2010), tem ‘Amefricanidade’ é semelhante ao que considero africanos. Objetivo é refletir criticamente os meandros da conservação de práticas racistas amenizadas pelo poder da história, literatura, psicologia, Educação e antropologia. E também diferenciar a educação eurocêntrica com a perspectiva africana, pois no contexto africano, particularmente, não se exclui os elementos comunitários. Ou seja, “é compreender o conhecimento como sabedoria atrelada ao cotidiano, à família, à comunidade, é uma ação ética, encantada. A educação africana e afrodescendente desenvolve uma pedagogia em diálogo com a origem que está assentada na experiência” (MACHADO, 2019, p. 261). A experiência da Educação não exclui o passado e no presente critica o modelo colonial eurocêntrico. Trata-se, portanto, de uma abordagem transdisciplinar e transgressiva para comunicação com inspiração teórica dentre eles: Amos Wilson (2021), Bell Hooks (2013), Asa Hillard (2009), Carter Woodson (2018), como autores pensadores afrikanos na diáspora e Keita (2008), Mudimbe (2013), Fanon (2008, 2010), Lélia Gonzáles (2010), Krenak (2019) e tantos outros como kilomba (2019), Kamabaya (2011). Todos teóricos de uma forma outra fizeram e esforçaram-se para desmascarar as práticas coloniais em suas áreas de pesquisa e estudos. Pois, a função despertadora da crítica de africanos no Brasil, para o desenvolvimento desconstrutivo da educação imposta, que não contempla as memórias e cosmovisão fora da Europa. Machado (2019) em *Filosofia africana* nos lembra da importância da cosmovisão e memória ancestral afrikana para o nosso povo. Na cidade onde nasci e cresci havia uma limitação do pensamento, sobretudo aquelas que queriam pesquisar sobre Educação, história, filosofia proibindo de não aperfeiçoar, cortando sonhos, criatividade do pensamento crítico. Assim, afirmava sociohistoricamente na comunidade ‘estudar muito, tornava-se doido, maluco’. Esse relato de experiência da memória da violência é resultado do racismo colonial, e tentativa de epistemocídio. Como a colonização e a colonialidade

mantém o domínio pela educação e a cultura digital, linguística eurocêntrica que perpetua a falsificação "alucinações" Amos Wilson (2021) continuam a se alimentar na mente opressora. Combater os epistemocídios e 'mentecídio' termo cunhado por psicólogo africano da diáspora Dr. Bobby Wright, significando como a morte mental produtiva praticado contra o povo africano (Tradutores, Ìmárale, Kush). A ideia central da dominação eurocêntrica começa na grade curricular da educação, na psicologia da limitação, aludindo a não capacidade de crianças africanas (WILSON, 2021). O processo e o projeto do fracasso planejado está sendo abortado com o olhar da consciência crítica se espalha e se inspira através de pesquisadores nascidos cá e lá, no outro lado do oceano. No entanto, rever a história da educação, peneirando profundamente os arquivos chamados de "Biblioteca colonial que são todos os textos escritos no continente e fora, pelos aventureiros, exploradores, antropólogos, etnólogos europeus que contribuíram e deturparam uma visão e imaginários sobre África"(MUDIMBE, *Apud* SARR, 2019,p. 31). "Grifo nosso".

Portanto, importa referenciar a crítica da minoria intelectual que se esforçam despertando e refutando o eurocentrismo e seu racismo dentro da comunidade africana. Neste contexto, ousou me usar o conceito de Lélia Gonzalez (2010), do reconhecimento "Amefricanidade" segundo (RATTS, 2010, p.144) " o legado e a forma da resistência cultural a passagem do conhecimento ancestral". No entanto, esse conceito está presente no cotidiano diaspórico principalmente na alimentação "religião, língua, vestuário" (p.144). O diálogo educacional inspirou a forma crítica da Lélia e tantos outros seus estudiosos. O pensamento destes como Fanon, Gonzalez, Wilson, Kamabaya, Machado, Mudimbe garantem que a história das grades curriculares resiste para as mudanças profundas das escolas brasileiras e Latino- americanas, pois têm como base a falsificação da história do preto e africanidades. Essa realidade empírica está nas universidades brasileiras e não só. Portanto, essa visão é colonial conforme MACHADO (2019, p.189) nos coloca a repensar e continuar "a crítica ao currículo" e "uma crítica que vai à raiz, questiona toda a estrutura"(p.190). Essa comunicação se enquadra no relato de experiência, pois entendo que "[...] Educar em África é ressignificar o olhar, é voltar para os ancestrais, aprender com eles, ressignificar, transformar, construir e desconstruir continuamente em uma perspectiva de bem-viver"(MACHADO, 2019, p.261). Desconstrução, aprendendo a transgredir como refutar a limitação do pensamento histórico inventado, ora narrado pelos colonizadores. A prática da nossa liberdade crítica na diáspora africana exige esforços e resiliência, pois as lutas contra o

sistema eurocêntrico enraizada precisa necessariamente de “desalienação psíquica que dependeria da transformação radical da realidade social” (FAUSTINO, 2018, p. 63). Não tem um pensamento conclusivo, mas recomendar a experiência do exercício da autocrítica, da sociedade e das visões que tem sido espalhada através da educação tradicional. Portanto, como nos inspiram pensadores da América Latina, Africanos, sobre essa transformação, a desalienação e interromper a vasta alienação civilizatória eurocêntrica, da colonialidade Grosfoguel (2020), Krenak(2019) sobre as nossas cosmovisões bem como as experiências de modelo não europeu sejam realmente a inspiração da crítica e para emancipação, libertação das amarras coloniais. Na verdade, o ciclo de rompimento desde Mudimbe, Fanon, Machado, na descolonização, mesmo que não seja total, é imperioso para o futuro ancestral e educação para os africanos e América Latina.

Referências

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Minas Gerais. 1ª reimpressão, em 2010. Editora UFJF.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1ª Ed. Ciclo Continuo Editorial, São Paulo, 2018.

GROSFOQUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: _ COSTA-BERNARDINO, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFOQUEL, Ramón. (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª edi.; 3. Reimp. — Belo Horizonte:Autêntica, 2020. (coleção cultura negra e identidades).

HILLIARD III, Asa. O rabequista e Festa: Uma crítica africana”Educação Multicultural” Nos Estados Unidos In: NASCIMENTO, larkin Elisa (Org.) **Afrocentricidade uma Abordagem inovadora**. 4 Matizes Africanas da cultura Brasileiro. São Paulo: Selo Negro, 2009.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- Editora Martins Fontes, São Paulo. 2013.

KAMABAYA, Moisés. **A contribuição da África para o progresso da humanidade**. Luanda: Mayamba editora. 1ª edição, setembro de 2011.

KEITA, Boubacar Namory. **Cheikh Anta Diop. Contribuição endógena para a escrita da história do continente**. Ensaio de reflexão sobre uma obra. Luanda: Editora Nzila. 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira, Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do mundo**. 1º Ed. são Paulo, companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana: Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades**. Fortaleza: Imprece, 2019.

MUDIMBE, Y. V. **A invenção de África. Gnose, filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Tradução Ana Madeiros. Coedição Edições, Lda e Mulemba, Angola e Portugal, 2013.

RATTS, Alex. **Lélia Gonzalez**. Flávio, Rios Selo Negro, 2010. (Retratos do Brasil Negro), Coordenada por Vera Lucia Benedito.

SARR, Felwine. **Afrotopia**: Tradução. Sebastião Nascimento. São Paulo : n-1 edições-2019.

WILSON, Amos, N. **A falsificação da consciência Afrikana: história eurocêntrica, psiquiatria e política da supremacia branca**. Tradução Kanda Ìmárale & Zaus Kush. São Paulo: Editora Poder afrikano, 2021.

WOODSON, Carter Godwin. **A deseducação do Negro**. Tradução Kwame Asafo N. Atunda. 1º edição. São Paulo, 2018.